

O DEUS BRIGO

Como em todo o Minho, **não** faltam no concelho de Famalicão **ruínas** de povoações, que mais podem chamar-se prè-romanas que romanas. **Uma** delas fica na freguesia de Deláis, na coroa dum monte onde se vê a capela de S. Miguel-o-Anjo, e é sobretudo notável por sabermos duma inscrição (1), encontrada nas **suas** proximidades, qual foi o deus principal dos seus habitantes.

Êste deus chamou-se Brigo. Brigo **não** é romano; os **celtistas** juram que é céltico, porque o nome se interpreta bem pelo irlandês — razão para mim bastante para o capitular de prè-céltico. **Não** é porém dessa questão que vou ocupar-me agora, **senão** de saber se a etimologia pode esclarecer-nos **acêrca** das funções que exerceria o velho deus. Infelizmente a etimologia pouco adianta. Segundo os entendidos, Gluck, Whitley Stokes, J. Rhys, a raiz é a mesma que a de briga, Brigantes, Bigântia, e implica a idea de altura, tanto no sentido fisico como moral. Assim, se o último nome, Brigântia, designa uma cidade, e neste caso está de-certo a nossa Bragança, na Irlanda designa uma deusa que tem sido identificada com Minerva. Um deus Brigante ou um deus Brigo devia ser uma espécie de paredro da Brigântia irlandesa; mas **não** ficamos **dêste** modo muito esclarecidos.

Procuremos por outro lado. **É** ponto incontroverso que um dos meios, a que a Igreja se socorreu para destruir a religião pagá, enraizada nos aldeões (pagani), foi cristianizar os seus *loca sacra*, os seus deuses, **cujas** imagens muita vez aproveitou. Um exemplo entre mil deu-se com a deusa Brigântia, da qual se tem por certo que Santa Brigida herdou **não** poucas atribuições; e, se há santo que respire paganismo por todos os poros, é o Anjo Miguel, que, como exterminador do dragão, **não** passa dum irmão gémeo de S. Jorge. Quanto a êste, Clermont Ganneau provou a última evidência que o santo, precisamente como vencedor do dragão, é apenas mencionado nos **apócrifos**, sendo impossivel deixar de ver nêlo o herói solar conhecido em **tôdas** as mitologias antigas e cristianizado com bulas que **não** podem ser mais falsas. Na mitologia ariana os representantes **dêste** herói solar **são** inumeráveis, mas bastará citar Apolo

(1) A inscrição é a seguinte: A. BRIGO | FLAVS A | PILI VAL | ABRICII | NSISVO | TVM. S. L. | M. MIIRITO. A *Brigo Flaus Apili Valabricsensis votum s(olvit) l(ibens) m(a-ximo?) merito*

matando a serpente Pythoni, Perseu vencendo o monstro que havia de devorar **Andrómeda**. Tudo isto simboliza, como se sabe, a luta da luz com as trevas, figuradas pela serpente ou pelo dragão.

Nenhuma dúvida há que a religião dos nossos antepassados era ariana, **não** podendo faltar nela o culto do famoso herói. **A êle** alude certamente a tradição popular na «história da bicha de sete cabeças». Poderá dizer-se que a lenda foi importada; mas, quando vemos uma lenda pagã localizada entre nós em tais e tais **sítios**, e ainda para mais relacionada com monumentos da época pagá, acreditamos pouco em tais importações. A «**história da bicha**» está neste caso, com a circunstância de que o herói toma então o nome de S. Jorge. Exemplos: em S. Jorge de **Selho**, concelho de Guimarães e a pouco mais de légua e meia de Deláís, o orago da frèguesia mataria o dragão nas proximidades de um castro, chamado Monte da Senhora. Em S. Jorge de Vizela mostram-se mesmo numa lage as marcas das ferraduras do cavalo, em que montava o santo, o despenhadeiro por onde rolou o monstro agonizante, o lugar donde a «**menina**» assistiu a vitória do seu salvador.

Eu explico muito bem que S. Jorge se popularizasse entre nós por substituir uma entidade pagá, cujas proezas já eram conhecidas e estavam localizadas nos tempos prè-cristãos, e **não** explico de modo algum que já em tempos cristãos o povo se lembrasse de apropriar aos **castros** e aos penedos, marcados por sinais chamados **prè-históricos**, as proezas apócrifas dum santo qualquer.

Vou ainda mencionar um outro facto que derrama certa luz **sôbre** outra face da nossa questão. **A** pouco mais de dois quilómetros, a noroeste de Bragança, **há** uma capela de S. Jorge voltada para as ruínas dum castro. **O** santo «reside» em Bragança, numa capela da Câmara, próximo das muralhas da cidadela, mas em certo dia do ano vai assistir a uma missa na «sua capela» e receber umas «rendas», que ninguém sabe em que consistem; feito o que, volta para Bragança, apageado por um piquete de cavalaria e por uma turba de rapazes, que também o acompanham na ida. Segundo as maiores probabilidades, o castro arruinado foi a sede da antiga Brigântia, e tudo faz crer que êste S. Jorge seguiu os Brigantinos na sua **translocação** para Bragança, com a condição de que o levariam anualmente ao lugar onde **fêz** os seus primeiros milagres. Eu **não** admirava se a tradição contasse que esta condição foi **significada** a principio pela fuga nocturna do santo para a «sua» capela: casos dêstes **são** vulgares nas antigas lendas. Mas certo é que nos tempos mais primitivos o castro havia de ter um deus tutelar. Não lhe sabemos o nome; mas, vendo um S. Jorge mítico assistir ao culto numa capela, voltada para a Brigântia pagá, não é desarrazoado conjecturar que o nome do velho deus **fôsse** idêntico ao do Brigo de **Deláís**, talvez mesmo Brigante, e que numa e noutra parte a façanha que mais o caracterizava, a do destru'idor do domínio das trevas e do inverno, motivasse a escolha do Anjo **Miguel** para o substituir numa, o de S. Jorge para a substituir noutra.

Guimarães, 15-4-94.

(Na *Nova Alvorada*, Familiarão, 1894 — 4.º ano, n.º 2).